

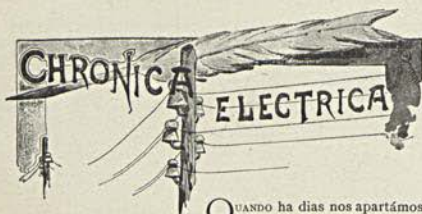
BRASIL-PORTUGAL

1 DE SETEMBRO DE 1900

N.º 39



Ice de Luere



QUANDO ha dias nos apartados de França, trazendo ainda no espírito uma onda d'esse grande oceano de civilização, cujo choque nos foi dado sentir, attentámos, então, como nunca, n'este sentimento da saudade que se evoca ao entrarmos na patria ainda que ella não esteja enlutada com a perda de um filho illustre.

É um sentimento especial, que avivado pela ausencia, se caracteriza e define tanto mais quanto maior é a catastrophe por que passa a terra que adoramos e que nunca perdemos de vista, ainda quando nos vemos mais afastados d'ella.

A morte de Eça de Queiroz faz que avivemos essa tristeza e a tornemos mais intensa, porque em cada espirito, que se fin, pareceir-se, tambem, um pouco do rincto a que estamos agarrados.

Eça de Queiroz, que era uma figura illuminada e privilegiada, é sentidamente chorado na Hespanha, porque o seu formoso talento disperso por tanta pagina brilhante fôr comprehendido lá fóra.

Alguns dos seus romances, como o *Primo Basilio*, foram traduzidos em varias linguas, sendo a hespanhola aquella em que Eça de Queiroz era mais apreciado, como se depreheende pelas noticias biographicas que alguns jornaes do reino visinho publicaram, quando a triste noticia da sua morte ali chegou.

Em alguns desses jornaes dizia-se que o grande romancista era, talvez, mais admirado extra-fronteira que dentro da sua patria. Isto não é, de facto, uma verdade, mas tal apreciação deve ser-nos lisonjeira por termos o nome de um litterato portuguez ter uma tão grande consagração fóra do paiz que o viu nascer, embora lidou através de traduções que nunca se poderão approximar da verdadeira linguagem, em que Eça de Queiroz era mais esmerado que nenhum outro escriptor do seu tempo.

Porque foi, sobretudo, no estylo que elle foi, essencialmente, um artista, um artista sem precedentes e, por certo, sem imitadores.

Ninguém, como elle, cuidou mais da forma, uma forma torturada e mais que torturada — padecida. A semelhança de Flaubert, porque até n'isto se parecia com elle. — Eça de Queiroz retocava constantemente os seus livros, os quaes chegavam a parecer, de edição para edição, completamente refundidos ou, por assim dizer, diferentes, como acontece com os *Mais*.

E foi este mesmo estylo, — a sua mais bella qualidade, que muitos homens do seu tempo apodaram de gallicista, de eviado de termos francezes.

Para Eça de Queiroz cada palavra tinha uma côr, cada adjectivo uma nuance e um som. E sendo elle avaro, como era, de qualquer termo que empregava, não podia eximir-se á rebusca de vocabulos que se approximasse mais da ideia que desejava enunciar.

E por elle conhecer o atrazo em que se achava a lingua cheia de bellezas peregrinas, mas pesada, ao mesmo tempo, por não ter evoluído quasi nada de Camões para cá, é que se encontram nos seus romances phrases líricas, cantantes que os philologos não querem considerar como puras.

Mas não é só na linguagem que Eça de Queiroz é grande. Nos seus romances preoccupou-se com as ideias do seu tempo. A galeria dos seus typos não são apenas photographias; essas creaturas têm todas uma alma, fallam, sentem, definem-se.

E, por isso, que as suas obras são tradusíveis e de facil assimilação nos paizes em que a linguagem portugueza seja inteiramente desconhecida.

Eça de Queiroz é, sem duvida, muito mais artista que Camillo. E, não possua a fecundidade deste grande cerebro que escreveu *Onde se está a felicidade*, possui sobre elle a vantagem da diversidade das almas, do meio, da paisagem etc.

Porque entre nós, onde as suas obras devem ser justamente apreciadas, não se lhe aquilata o verdadeiro merito, uma vez que o auctor da *Reliquia* não é um escriptor genuinamente popular...

A forma altamente espiritual da sua prosa, o rendilhado finissimo da expressão ora harmoniosa e colorida, ora incisiva e rapida, não deixavam immediatamente todos os espiritos que não tivessem um preparo de leitura similares.

Eça de Queiroz, que era, sobretudo, um espirito de observador, procurava de preferença á idealização a copia natural dos quadros que esbafava, tornando-se um analysta meticuloso, encontrando no movimento flagrante das suas figuras todo o caracteristico que ellas possedessem ter.

A idealização convida ao sonho e Eça de Queiroz fazia-nos sempre despertar; por isso, os seus romances não poderão nunca entrar no sentimento das almas predestinadas para a illusão.

Quando o illustre escriptor debutou na carreira das letras com o seu primeiro livro *O crime do Padre Amaro*, os criticos de então filia-

ram o seu temperamento artistico nos processos estheticos de Balzac e de Gustavo Flaubert.

E com effeito, Eça de Queiroz confessava que pretendia seguir aquellos mestres da litteratura franceza no que tocava ao methodo analytic.

Entanto, esse magnifico espirito possuia todos os predcados de raça, uma originalidade propria e, acima de tudo, um estylo scintillante, predcados que o elevaram logo de começo á craveira das grandes individualidades.

Começando por fazer como que uma revolução na prosodia portugueza, criando novas formas de dizer, adaptando, á linguagem pesada do seu tempo, a leveza da expressão, a graça cortante da phrase tão subtil como ironica, tão original como espontanea, não podia deixar de crear em volta do seu nome uma aureola de admiração e de respeito.

Ao mesmo tempo elle introduzia em Portugal o romance naturalista, uma completa novidade.

Depois em camaradagem com Ramalho Ortigão iniciava nas *Farpas* a critica applicada á sociedade do seu tempo, em cujas paginas sobressahia sempre rutilo o seu estylo, a sua graça, o seu humor.

Era um verdadeiro inquerito á vida portugueza. Publicado o primeiro romance, em que se affirmava toda a pujança de um escriptor, Eça de Queiroz alcançava um verdadeiro successo sempre que um seu novo trabalho era annuciado pelos editores.

Tendo feito uma viagem ao Oriente, o auctor do *Primo Basilio* voltou trazendo apontamentos para um livro que imprimiu mais tarde com o titulo *A Reliquia*.

Em seguida outros sempre com equal acolhimento, em que mais se consoldavam as suas qualidades.

A *Reliquia* é, sem duvida, ao lado dos *Mais*, a obra em que mais se salientam os dotes do romancista. No *Mandarim* e nalguns contos, como as *Singularidades de uma rapariga louca* e *Adão e Eva no Paraíso*, demonstra-nos elle todo o poder de imaginação, com especialidade no primeiro em que Eça de Queiroz, segundo se diz, nos descreve a China através da leitura de um livro de viagens, descripção que parece ser feita por uma pessoa que tivesse atravessado o Imperio Celeste.

Toda a obra de Eça de Queiroz é essencialmente barulhada e trabalhada com aquelle rigor excessivo desses grandes soffredores da forma, que em Arte, é tudo, ou quasi tudo!

Esses requintes de factura em que muitos quererão ver um excesso, constituem o grande valor de um romancista, cuja aspiração seja realisar o mais sobriamente possivel as linhas geraes das suas creações.

Feitas estas rapidas impressões, que julgámos indispensaveis esboçar, por nos juntarmos ao côro de tristeza que sentimos ser o echo de todos os admiradores do grande Morto, o *Brasil-Portugal* entendeu dever prestar-lhe uma homenagem condigna. Por isso dirigiu-se a Fialho d'Almeida, pedindo-lhe um estudo critico sobre a obra de Eça, e ao Conde de Arnoso, amigo intimo do grande romancista, solicitando-lhe um artigo sobre o que tinham sido *Os vencidos da Vida*.

Fialho accedeu logo ao nosso desejo, mas só para o proximo numero, e o Conde de Arnoso teve a amabilidade de nos enviar esta carta, que ligeiramente explica o que foram esses *Vencidos da vida*, um grupo de amigos reunindo-se de quando em quando, em jantares intimos:

Meu amigo,

Pede-me um artigo para acompanhar, no *Brasil-Portugal*, o retrato do meu querido e grande amigo Eça de Queiroz, explicando e contando ao mesmo tempo o que tinham sido os *Vencidos da Vida*. Os *Vencidos da Vida*! Onze amigos, hoje já tão dizimados pela morte, que de quando em quando pacatamente jantavam juntos para conversar, e que ao tempo, tanto ruido em volta d'elles fizeram!

Impossivel satisfazer ao seu desejo, que não pôde alinhar palavras quem, deante de tamanha deventura, não tem tido até hoje senão lagrimas para chorar. E' que eu perdi no José Maria um irmão eternocidissimo. Quanto mais releio a rumo de encantadoras cartas que d'elle me ficaram, cartas onde a sua inextinguivel bondade falava em cada linha, mais se me affigura sem limites enorme vazio que a sua morte deixou no meu retalhado coração. Tão grande, que nem as saudades de mais de vinte annos de intima convivencia, relembradas uma a uma, seriam capazes de encher! Isto, se n'um egoismo de amizade desculpavel, não penso senão em mim. Se porém como portuguez e patriota considero a sua falta, então até me parece que o velho e amado galeão das quintas, onde, desde seculos, todos nós vimos embarcados, ficou, pelo seu desapparecimento, como a bôrda ao lume d'agua! Tãmanh, tão consideravel é a sua falta!

Saiba desculpar quem é

De v. etc.
Conde de Arnoso

Por todo isto, o *Brasil-Portugal* viu-se torçado a limitar a sua homenagem, hoje, a varios *cliques*, apresentando a casa de Neuilly em que o romancista viveu os ultimos tempos, em companhia da esposa querida e dos seus filhinhos, reproduzidos de photographias que o venerando pae de Eça de Queiroz teve a gentileza de nos emprestar.

O *Brasil-Portugal* acompanhará a imprensa em todas as manifestações que se projectam fazer, quando os restos mortaes do imminente escriptor chegarem a Lisboa, porque considera essa ultima homenagem como uma divida de gratidão que a patria lhe deve, que lhe devem todos aquellos que podem e sabem avaliar a perda que as letras portuguezas soffrem com a morte do romancista, do homem e do pensador.

Brasil-Portugal.

A Capital!

Ah, que suspirava! Lisboa tornara-se a sua necessidade, o seu ideal, a sua mania: pensava que lá, na capital, as suas faculdades se desenvolveriam como certas plantas raras que necessitam um terreno rico; lá encontraria as glórias do coração nos amores aristocráticos; lá as admirações da multidão dar-lhe-iam as satisfações da celebridade; lá acharia uma fortuna nos cafés dos editores.

A's vezes, passando na estrada, olhava as nuvens alagoadas, que um vento



A Ex.^{ma} Sr.^a Dr.^a A. Emília de Resende Queiroz, viúva de Eça de Queiroz, e seu filho

brando lá levando para o sul; iam para Lisboa, ellas! Achava-se então ridículo; mas o seu desejo mais tarde retomava-o, sob outras formas igualmente pueris, com uma persistência hysterica, a ponto de invejar o recoveiro, que todos os quinze dias ia a estação de Ovar, chutando na sua egua, tomar o comboio para Lisboa! Lisboa! Concebia a vida que a enchia, violenta e apaixonada, como o mundo da *Comédia Humana*, de Balzac; e não comprehendia menos desproporcionadamente a sua edificação junto ao Tejo. Imaginava-a, assim, de ruas enormes, sonora de trens, flamejante de gas, com palácios históricos, e de fronte a habia, onde esquadras saíam em salvas profundas as torres d'outros seculos. Interessava-o sobretudo pensar como seria Lisboa de noite; de certo nos cafés, entre os outros dos espelhos, devia balançar-se a suavidade das conversas litterarias, e a porta dos theatros onde se desdobram os estylos dos *londreses*, apenas se uma multidão soffrega d'arte; através das janelas embaciadas dos restaurantes, onde artistas e cortezãs celebram orgias poeticas como galas, ouvem-se os estribos das canções e sonoridades de teclados; e nas praças, em redor, grupos discitem com sublimidade a esthetica dos poetas e a politica dos oradores. Mais longe, as janelas dos salões aristocraticos estendem renques de claridade tumbadas pela névoa das lam-

binellas; ali imaginava a vida d'um mundo superior, em que as canções são pallidas da emoção continua das paixões refinadas; ali diplomatas, cujos sorrisos têm a frieza da razão do Estado, trocam diálos a Talleyrand; banqueiros, de olhar tão duro como o luzir dos moços, combinam as cartas do *wrist*, empréstimos aos Reix; e senladas em moveis de veludo e setim, iguaes, figuras de beleza patetica, dobrando altos pescocinhos de raça, fazem girar nos dedos ramos de violetas, com olhares onde brilha sob um fulido o ardor dos adulterios. E em redor, na vasta cidade, couchoa confusamente um mundo atormentado, á Balzac: eram os agiotas, Gubzeas de dedos aduncos; os Vautrins, fazendo teutrosamente a caça aos milhoes; os Rustignacs, pungidos de ambicção; os visionarios sublimes, que n'um quinto andar, á luz d'uma lampada, planeiam a destruição da Sociedade! E não cessam de rolar os cylindros das impressas; nas salas resplandecentes das redações as pennas correm sobre o papel, derrubando ministerios, edificando glórias; e as palavras dos folhetinistas têm a profundidade d'uma philosophia na precisão d'um aporismo! Que cidade! E via-se lá, sendo uma personalidade illustre, apontado nas ruas, rodagem essencial da vasta machina, fazendo civilização! Tudo o que o cercava, então, lhe parecia mais legubre; olhava as ruas estreitas como as ideias, as fachadas inexpressivas como os rostos; o fiel de feitos que ao meio dia passava na praça com o seu sacco de lustrina cheio d'autos; o Carneiro que de robe de chambre, a face prospera e farta, fumava o seu charuto á varanda; as catirricas do Albuquerque e os Salvé-Rainhas das tias!

A's vezes, de noite, lá ao acaso pela villa, opprimido d'estas imaginações; todas as casas sentadas apagadas, e no silencio aguda-se uma criança chorar ou um ranger de berço; algum labrego passava, fazendo o lagado rosnar com as paladas dos tumbacos; galos amorosos miavam. Era aquella hora que em Lisboa as actrices, nos seus camarins, punham pois d'arroz nos braços magrinhos! Nas salas, as rebecas davam as primeiras arcadas, fazendo girar corpos enlucados, com rogo-roses de edas!... Parecia-lhe então estar lá, n'uma noite em Lisboa, já illustre; sustentava diálogos com uma senhora de collo alto que sorria, laudando, ás doçuras poeticas dos seus concelios; pediam lhe depois para recitar; elle erguia-se devagar, pensativo; em redor murmurava-se: «é o Corvelho!» e um genio! E na illusão declamava alto, na rua:

Eu sou aquelle que na noite escura
Pensa no ideal, olhando o céu...

Mas a sua voz fazia estancar aterrorado algum burguez que recolhia da Assembléa, emburinhado no seu chape-mau, e que o tomava por doudo ou bebado. Ficava vexado; recolhia a casa triste e fatigado como depois de um excessos, desejando entrar poeticamente n'um convento, ou viver em Lisboa n'um bom hotel.

Tinha então, para derabafar, composto uma Epistola dedicada ao poeta, que disse em versos geralmente estimados:

Eu nunca vi Lisboa, e tenho pena...

Arthur gritava-lhe, com familiaridade, partilhando a mesma ambicção

Também eu nunca vi Lisboa amigo.
Profunda babilônia junto ao mar!
Oh, que me fosse dado ir lá contigo!...

Etc.

Foi por essa occasião que seu padrinho, o estimavel Atoagui, do Porto, teve o seu primeiro ataque apoplectico. Era um solitário obeso, que vivia por os lados do Repouso, retirado do negocio de ferragens, em companhia de a criada, uma moçoca de Avintes.

E a tia Ricardina, com um pensamento fino, aconselhou Arthur (apenas curtiu o Albuquerqueinho ler a noticia no *Commercio do Porto*, que mostrasse um interesse ancioso, mandando um telegramma ao padrinho.

—Olha que é um ricasso, menino! observou-lhe a boa senhora, arregalando o olho.

Arthur percebeu immediatamente a utilidade de se affligir com expansão: redigiu um telegramma longo, litterario, muito tocante: exclamava—*Rogamos Deus ferreor cedo reapparecer saudê!*

EÇA DE QUEIROZ



Eça de Queiroz, no jardim



Grupo dos tres filhos mais velhos de Eça de Queiroz

A CASA DE EÇA DE QUEIROZ EM NEUILLY

Um trecho das "Farpas"

OLHEMOS agora a litteratura. A litteratura — poesia e romance — sem idéas, sem originalidade, convencional, hypocrita, falsissima, não exprime nada: nem a tendencia collectiva da sociedade, nem o temperamento individual do escriptor. Tudo em torno d'ella se transformou, só ella ficou immovel. De modo que, pasmada e alheada, nem ella comprehendendo o seu tempo, nem ninguém a comprehendendo a ella. E' como um trovador gothico, que se acordasse d'um sonno secular n'uma fabrica de cerveja.

Fala do ideal, do extasi, da febre, do Laura, de rosas, de lyrios, de primavera, de virgens pallidas — em torno d'ella o mundo industrial, fabril, positivo, pratico, experimental, pergunta, meio espantado, meio indignado:

— Que quer esta tonta? Que faz aqui? Emprega-se na vadiagem, levem-n'a á policia!

Ella, desattendida e desanctorisada, vae todavia soltando, com grandes ares, por entre o gaz e o pó do macadam, as declamações sonoras do lyrismo de Lamartine e do mysticismo de Chateaubriand. E gloria-se de ser nos seus costumes e nas suas obras intransigentemente ideal. Mera questão de rhetorica: os poetas lyricos e os scismadores idealistas trataram de se empregar nas secretarias, cultivam o bife do Aurea, são d'um centro politico, e usam flanela.

Em França ao menos a litteratura, quando a corrupção veiu, exprimiu a corrupção.

No Paris da decadencia, no Paris do barão Haussmann, e dos *grands* Roubaix e Flatin (vulgo de Persigny), os livros detestaveis foram a expressão genuína e sincera de uma sociedade que se dissolia. A litteratura de Boulevard ha de ficar por esse motivo, e ha de ter o seu lugar na historia do pensamento, assim como da decadencia latina ficaram Apuleu, Petronio e o mordente tertuliano, cujo estylo tem scintillações ainda hoje tão vivas que parecem emanadas da podridão do moderno mundo poetico.

Na corrente da litteratura portugueza nenhum movimento real se reflecte, nenhuma acção original se espelha. Como nas aguas immoveis e escuras da lagoa dos mortos apenas n'ella se retratam sombras. Mas são sombras que não tem as lividas roupagens usadas no Etegypto: estão de fraque e de chapéu alto — e é a unica coisa que lhes dá direito a julgarem-se vivas!

A poesia fala-nos ainda de Juliette, Virginia, Elvira, — bellas e interessantes creaturas no tempo em que Shakespeare se ajoelhava aos seus pés, em que Bernardin de Saint-Pierre lhe offercia rapé da sua caixa de esmalte circundada de perolas, em que Lamartine, embuçado na capa romantica de 1830, as passeava em gondola nos lagos da Italia. Hoje são um ideal de museu.

E todavia, além d'estas mulheres, ella nada conhece no mundo. A poesia contemporanea compõe-se assim de pequeninas sensibilidades, pequeninas contadas por pequeninas vozes. O poeta lyrico A diz-nos que Elvira lhe dera um lirio n'uma noite de luar! O poeta lyrico B revela-nos que um desesperado atroz lhe invade a alma, porque Francisca está nos braços de outro! O poeta lyrico C conta-nos uma noite que passou com Euphemia, n'um camaranchão, olhando as astros e dizendo phrases. E no meio das occupações do nosso tempo, das questões que em roda de nós de toda a parte se erguem como temerosos pontos de interrogação, estes senhores vem contar-nos as suas descrençasinhas ou as suas exaltaçõesinhas! No entanto operarios vivem na miseria por essas trapeiras, e gente do campo vive na miseria por essas aldeias! E o sr. Fulano e o sr. Sicrano empregam toda a sua acção intellectual em se gabarem que apanharam boninas no prado para as ir pôr na cueva de Elvira! Noites e noites movem-se os prelos a vapor, calandra-se o

papel, esalfam-se os typographos, arrasam-se os revisores, emprega-se uma immensa quantidade de vida e de trabalho, para que o publico saiba que o poeta lyrico Polycarpo de tal alma uma virgem pallida com olheiras!

E ainda se a poesia lyrica se contentasse com ser de uma inutilidade lórgica. Mas ella é d'um erotismo offensivo! Ha lupanares mais castos do que certos livros de versos que se chamam melancolicamente *Harpejos* ou *Precludos*.

Poesia lyrica, poesia lyrica, esconde-te nos conselhos de ministros ou nas secretarias do Estado! Não appareças ao mundo vivo. Sabes qual é o lugar que tu n'elle mereces? Não é o Pantheon, é o Limoeiro.

A poesia individual tem um nobre alcance quando o poeta se chama Bryon, Espronceda, Hugo, Lamartine, Musset. Porque então n'aquellas almas todo o seculo com as suas duvidas, as suas luctas, as suas incertezas, as suas tendencias, as suas contradicções, se retrata. São grandes almas sonoras onde vibra em resumo toda a vida que as cerca. Estuda-se ali como n'um sumario a existencia de uma epocha. Mas, com franqueza, que se ha de estudar na alma do sr. João, ou na alma do sr. Francisco? A immensa duvida que pesa sobre a Baixa? Os tormentos ideaes que agitam a rua dos Fanqueiros?

E a maior desgraça e a maior tollice é que, por fanfania lyrica, alguns homens honestos na sua vida veem deante do publico declarar-se perversos na sua rima!

Tomemos um exemplo, um dos mais piegas — o sr. X. O sr. X é um rapaz honesto, bom chefe de familia, ganhando honradamente o seu pão. Merece a nossa estima.

Vejam a sua poesia. Ah! não se fala senão em amores, prazeres, delirios, orgias, virgens sacrificadas... Das seguintes cousas uma: Ou o sr. X. pinta a verdade quando escreve estes seus versos, e então é um devasso que dá um exemplo detestavel a seus filhos, e desconsidera sua esposa. ... Como havemos de acreditar em tal caso na seriedade do seu caracter?

Ou o sr. X. não diz a verdade, e todos aquellos seus extasis são rimados muito aconchegadamente á mesa do chá, entre um dicionario e uma poetica, com um barrete de algodão na cabeça... Neste caso como havemos de acreditar na seriedade da sua arte?

O romance, esse, é a apothese do adulterio. Nada estuda, nada explica; não pinta caracteres, não desenha temperamentos, não analysa paixões. Não tem psychologia, nem acção. Julia pallida, casada com Antonio gordo, atrai as algemas conjugaes á cabeça do esposo, o desmaia lyricamente nos braços de Arthur desgrenhado e macilento. Para maior commoção do leitor sensivel e para desculpa da esposa infiel Antonio trabalha, o que é uma vergonha burgueza, e Arthur é vadio, o que é uma gloria romantica. E é sobre este drama de lupanar que as mulheres honestas estão derramando as lagrimas da sua sensibilidade desde 1850! O auctor, ordinariamente tem o habito de Sant'Iago. O editor tem a perda. O leitor tem o tédio. — Santa distribuição do trabalho!

De resto quando um sujeito consegue ter assim escripto tres romances, a consciencia publica reconhece que elle tem servido a causa do progresso e dá-se-lhe a pasta da fazenda.

Eça de Queiroz.



A casa onde Eça de Queiroz morreu, em Neuilly



A sala de trabalho



A sala de jantar



Pastel feito em 1887 por Columbano



A sala de visitas



Retrato a óleo feito em 1899 por Columbano

No proximo numero publicaremos sobre Eça de Queiroz e a sua obra, um estudo critico que Fialho de Almeida está escrevendo expressamente para a Revista Brasileira.

Paris
1 Janeiro
1900

Le meu e prezado collega

Deo humilde me-
te pensar a V. Ex.
e meu tempo silen-
cioso letava recente
grande recebi a sua
carta - e depois
uma saudade um
primeira incerta atraves-
sante asperso anseios,
affazeres inaudientes,

tem-me ainda um
pedal. d'afirmação
e seu amavel amodo
de collaboração he
tenho ainda, ainda
ainda, suente absorvi
e na tarefa de aca-
bar e repellido. meu
novo romance a Illustra-
ção da Namora. E
tão longa ausencia

Caro Jacto, por sua
motivo, na Gazeta de
Noticias (e Revista de
Jornal de que eu sou,
ha muitos annos, como
V. Ex. Talvez parte, por
pelo gran permanen-
te - que, depois de de-
sarçado de Namora,
querendo Deus, deseres
certamente deservar
para essa velha e
amiga Gazeta o meu

trabalho. Talvez a
sympathie viva que
tenho pelo Brasil-Portu-
gal e pelo seu dire-
ctor me faça, sem
desidero actuar, e meu
mesmo atrever d'estes
deseres involuntarios de
me mandam alguns
heis artigos de phantasia
ou de critica.

Com todos os meus
saudos pela prosperidade do
Brasil-Portugal, creio V. Ex.
na superior actividade
que eu. (V. Ex. de V. Ex.)
Eça de Queiroz

NOTAS DE QUINZENA



QUINZENA que entregou hontem a alma, porque espirito não teve, ao Passado, mediu entre a tranquillidade bonançosa do tempo estival em que toda a gente procura a sombra de uma arvore para fugir ao sol abrasador de agosto, seia querer saber o que vai pelo mundo. E o que do mundo nos veio durante estes ultimos quinze dias, de grande calor e nordeste furioso, foi a novidade de uma gloria para o nosso Portugal, saudado n'um concurso de bombeiros em Paris, em plena capital da civilização, hoje mais que nunca porque em

torno d'essa civilização agrupa povos de toda a parte do globo. Não vai o tempo tão propicio a honras taes que se possa esquecer o bem que esses corajosos rapazes do norte, bombeiros no Porto, fizeram ao nosso patriotismo que o pessimismo indigena não logrou ainda, apesar de todas as criticas, apagar ou sequer ofuscar.

Em um exercicio preparado em Paris, com o concurso de bombeiros de toda a Europa, ao lado dos inglezes cujas maravilhas se contam com espanto, foram os bombeiros portugueses, os bombeiros do Porto, que brilhantemente desenvolveram um problema, que outros não puderam ou não souberam resolver. E tal pericia empregaram, tamanha arte demonstraram, que os espectadores romperam em exclamações ruidosas, aplaudindo-lhes a um tempo a pericia e a agilidade, e Portugal obteve, graças a elles, o maior triumpho a que era dado ambicionar n'esse certamen.

Paris, melhor do que nenhuma outra cidade, avalia por certo o engenho de que elles deram prova, pois ao applaudi-los, lembrou-se ainda, como que n'um echo desolador e triste, d'essas horriveis desgraças que desde o incendio da Opera Comica até ao da Comedia Franceza, não esquecendo o do Bazar de Caridade — o maior de todos, enluctaram profundamente toda a cidade franceza e com ella todo o mundo civilizado.

Mas no bem como no mal ha sempre compensações. Portugal obteve essa gloria, é verdade, mas viu desaparecer uma outra, envolto n'uma mortalha funebre, que nos veio roubar um dos espiritos mais finalmente brilhantes da litteratura contemporanea, esse espirito aristocraticamente sarcastico de Eça de Queiroz.

Grande perda foi essa incontestavelmente. Eça de Queiroz, a cuja obra, a Revista presta n'este numero ferverosa homenagem, era hoje o primeiro romancista portuguez. Trabalhava o livro como um escultor pôde trabalhar uma estatua — até dar ao leitor a impressão de que as suas personagens palpitavam e viviam com elles. A sua prosa lembra as rendas de Alençon — não a ha mais perfeita, mais fina, mais burlada. Não deixa uma obra volumosa, mas deixa uma obra de valor, que fica a perpetuar-lhe o nome. Escrevendo foi um revolucionario da forma, mas um revolucionario vencedor.

Ainda não ha muitas horas contou-me um amigo d'elle, ligeiramente, quasi a correr, entre uma curta viagem de americano e a hora fatidica de um *rendes vous* de compromisso, o plano de um livro que elle não chegou a acabar, mas cujas primeiras cincoenta paginas elle lhe ouvira, um livro intitulado *Cidade e Aldeias*, exuberante de phantasia,

de critica e ao mesmo tempo de poesia, d'essa poesia santa e boa de amor patrio, que accorda na recordação da aldeia natal, simples e pura.

Um amigo d'elle, escrevi eu. Amigo e conhecido dos poucos que elle tinha. Eça limitava muito as suas relações. Vivendo sempre no estrangeiro, não era nem sequer pela sua obra, um escriptor popular e muito menos era um homem conhecido. Atravessava as ruas mais concorridas, facilmente, sem ter de se demorar conversando com um, dizendo adeus a outro, cumprimentando um terceiro. E deve talvez a este isolamento de annos, a esta difficuldade de se relacionar, o côro de elogio justissimo que a sua morte veio encontrar no meio intellectual do seu paiz. Os grandes homens precisam sempre de se divinisar um pouco, porque logo que cahem no vulgar, adeus fama que a má lingua destrôe.

Se Eça de Queiroz apparecesse mais quando vinha a Lisboa, se frequentasse os theatros e os gremios, se o avistasse muito na Arcada e no Chiado, se visitasse as redacções dos jornaes, se tivesse querido receber amabilidades e elogios verbaes dos seus contemporaneos, não faltaria quem lhe amesquinhasse a obra e lhe ridiculizasse o leito. Elle, com o seu grande espirito assim o comprehendeu, por certo, e affastou-se systematicamente d'estes meios facéis, onde a victoria de um dia é apocada logo pela inveja e pela insufficiencia.

Por isso mais comico acho eu agora a caterva enorme de amigos de Eça, que surge de todos os cantos da litteratura patria, amigos que nunca lhe fallaram e de quem elle nunca sequer soube o nome, e lembra-me logo uma historia engraçada de certo sujeito que andára no collegio com todos os homens notaveis do seu paiz, tratando os por tu, mantendo com todos a mais estreita amizade. Sómente, quando algum lhe pedia uma apresentação, um empenho, um simples bilhete de recommendação para algum, elle invariavelmente se esquivava, com esta desculpa: — Cortei ha dias as relações com elle! — o que provocou da parte de um espirituoso esta observação: — Homem, tu estás de mal com meio mundo!

Pois hoje em Portugal, se nem todos andaram no collegio com o auctor do *Primo Basilio*, todos eram amigos intimos d'elle, intimos á força agora que elle não pôde já protestar, intimos de um novo genero que escapou á critica da comedia de *Sardou*, intimos que se poderá designar por amigos *in articulo mortis*...

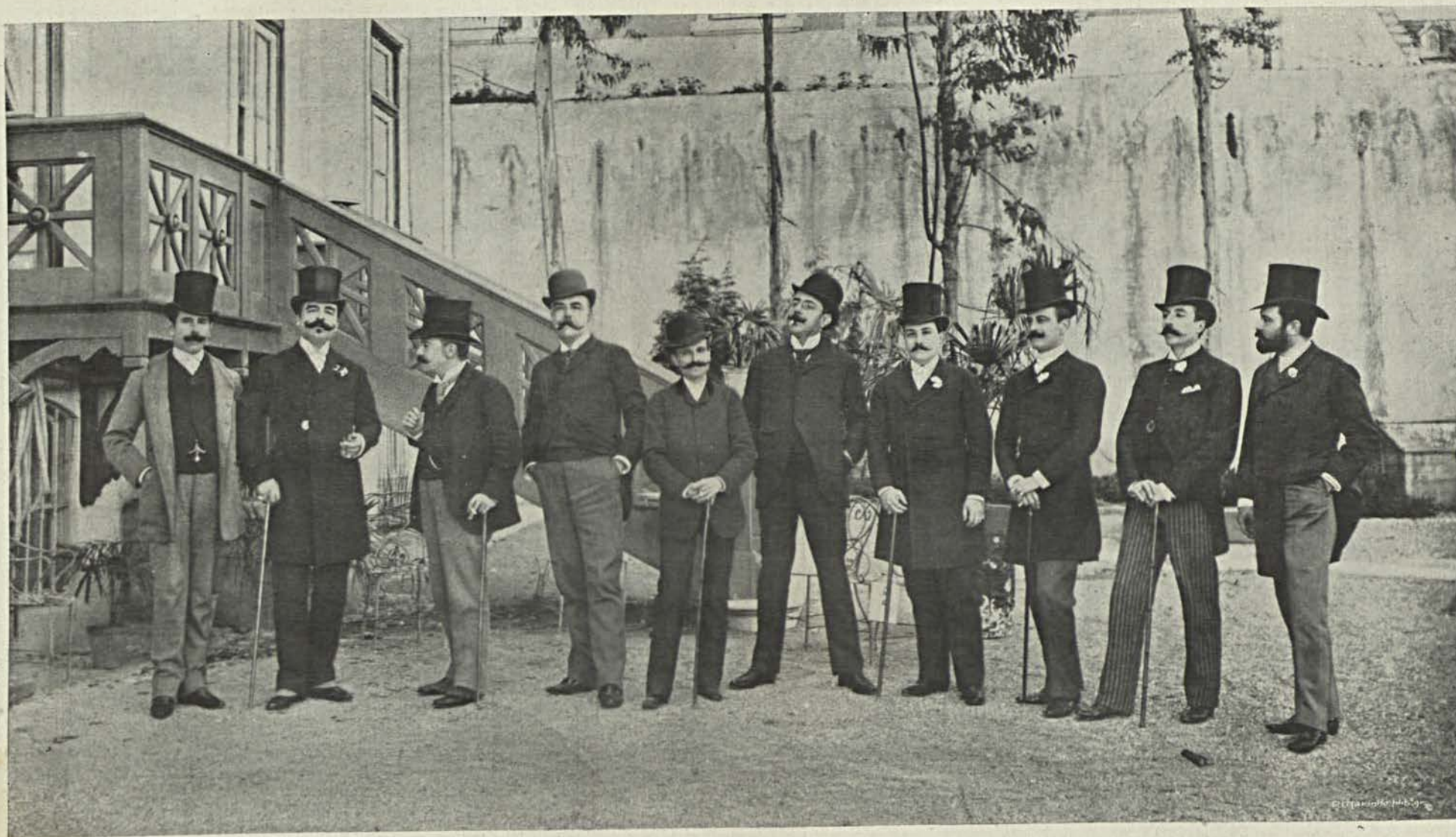
Mas para qué e porquê? Para alimentar a vaidade, e porque sempre di certo tom ter sido amigo de um homem notavel, cuja morte abala profundamente uma litteratura, ainda mesmo quando... nunca se lhe falou.

Ao grande numero de amigos que elle não conhecia vêm juntar-se ainda os innumerados admiradores... que nunca o leram, e que agora querem pôr de luto os candieiros da cidade, quando o corpo do grande romancista atravessar a cidade, caminho do cemiterio onde vai descansar, na terra portugueza que elle tanto amou sempre atraves de toda a fina ironia do seu espirito!

Em verdade, essa homenagem dos crepe... no gaz affigura-se-nos impropria para a memoria de Eça de Queiroz. Se é a apothese do seu grande espirito que se pretende fazer, deixem os candieiros em paz, e arranjam sol, muito sol, flores, muitas flores — que ao sol aqueceu elle a exuberancia da sua prosa, e nas flores perfumou a finura do seu espirito.

João Costa.

Os Vencidos da Vida



Conde de Sabugosa

Luiz Soerat

Dr. Carlos Mayer

Conde de Ficalho

Guerra Junqueiro

Ramalho Ortigão

Carlos Lobo d'Acilã

Conde de Arnoso

Eça de Queiros

Oliveira Martins



A "Gazeta de Notícias," e o Dr. Ferreira d'Araujo

Quando ha vinte e cinco annos por uma manhã d'agosto os vendedores saíram em correria douda pelas ruas do Rio de Janeiro annunciando e pegoando a *Gazeta de Notícias* a 40 réis, o commettimento foi recebido com esse sorriso d'incrédulidade com que se atravessam petulantes e vivas no caminho do ramerrão.

N'essa epocha a imprensa fluminense era modelada pelo velho typo do jornal grande, sério, massudo, parcamente noticioso, bem informado nas grandes cousas da politica, recheado de substanciaes correspondencias do estrangeiro, tendo mais empregados ao balcão na faina dos annuncios, do que escriptores ás mesas da redacção na composição de artigos. Pacatão, tradicional irreductivel, seguia seu caminho quasi completamente alheio ás necessidades progressivas da sociedade brasileira, que deixava que fossem tratadas a tanto a linha por mysteriosos anonymos, acobertados por singulares pseudonimos. Inimiga jurada de todo quanto não fosse conservador, não comprehendendo a finura da ironia, franzindo o sobrolho á graça e bom humor, indignando-se com a forma ligeira, revoltosa e por vezes pouco acatadora das velharias holorentas, julgava-se, como os antigos senhores feudaes na sua torre de menagem, sobranceira a todas as tentativas, e desdenhava da nova vida, das novas formas do sentir e suas variadas maneiras d'expressão, mal pensando que em breve se constituiria á sua beira uma classe, que por pouco numerosa não assustaria, mas que crescendo rapidamente se havia de achar forte, não só para se tornar por fim a dominadora, como tambem para operar uma transformação geral, obrigando os veteranos conquistados á assimilação dos processos dos conquistadores.

Assim foi a *Gazeta de Notícias* em relação ao resto da imprensa do seu tempo. Ousada para affrontar os preconceitos, corajosa para sair das cellas occultas, onde pontificavam os grandes sacerdotes dos diversos deuses, e vir apostolar para o meio das turbas, dispertou-se alegre, jovial, curiosa, critica, animada por um estranho amor de arte, vivendo a vida de todos, inquirindo dos males que começavam a ruir as velhas instituições, tendo sobre elles opiniões proprias e terçando por ellas armas bem temperadas. Em pouco tempo, pois, conseguiu levar ao convencimento geral que aquella era a forma moderna do jornalismo; que não era prostituição,

nem sequer mancha, ser apregoado e vendido nas ruas; que precisando as sociedades de quem as estimule para seguirem seu destino, esse estímulo, tendo de manifestar-se por formas e maneiras differentes e dirigir-se a todos os temperamentos e a todas as classes, só o pode transmittir uma imprensa que facilmente se insinue no animo dos leitores como um familiar amigo, que constantemente o advirta sem pedantismo, o defenda sem espadachinadas, mas sempre com energia e firmeza, juntando a tudo isto o conselho leal e dedicado em todas as crises difficéis, tornando-se um companheiro fiel que lhe amenise, pela conversa despretenciosa, facil e alegre as horas asperas e calamitosas da vida.

Mas para tentar uma obra regeneradora d'este alcance, num meio largos annos sujeito a um regimen por completo opposto, e por indole avesso a todas as novidades, era necessario um conjunto de qualidades que raras vezes se encontram reunidas num só homem, e principalmente essa que apenas possuimos poucos annos na vida: — a mocidade.

Ora dos principaes fundadores da *Gazeta de Notícias*, Manuel Carneiro, Henrique Chaves, Elycio Mendes, Ferreira d'Araujo, Ramos Paz e outros, creio que nenhum tinha então trinta annos, e em todos, além de qualidades especiaes que os individualizavam e tornavam aptos para o novo empreendimento, havia o fervor do enthusiasmo, a alegria saudavel e communicativa, o desrespeito pelas convenções inuteis, tanto mais ruidoso quanto as velhas composições eram ridiculas e superficiaes, trespallando todas ellas á mais deleteria hypocrisia.

Não admira pois que, mal que foi nascida, a *Gazeta* travasse logo uma batalha — tomando a defesa da representação dos *Lazaristas*, prohibida pela autoridade — na qual o jornal arriscou a sua existencia, e os redactores a pelle, correndo risco de terem que fazer os artigos na cadeia. Ao mesmo tempo este como que baptismo accentuou-lhe o caracter batalhador, que mais tarde terá que passar por outras maiores e mais rudes provas, quando se tratar de defender a abolição da escravatura, de assegurar o credito e a existencia das novas instituições, ou a ordem que as mudanças politicas sempre perturbam. E o general d'estas maiores campanhas foi o Dr. Ferreira d'Araujo, a quem a morte arrebatou ao fim de vinte e cinco annos de trabalhos, que fôra um dos cabos de guerra das primitivas escaramuças, e que algum tempo depois da fundação da *Gazeta* lhe assumiu a direcção.

Tinha então vinte e sete annos de idade, estava em pleno vigor da vida, na maxima expansão d'um temperamento exuberante, forte com uma educação scientifica, e uma vasta illustração litteraria, com o espirito methodisado, com a alma repleta d'aspirações e todo elle aquecido pela irradiação de respeito, que como que o nimbava, e lhe vinha do nome honrado de seus paes.

Nestas condições nenhum melhor timoneiro podia dirigir-se a novo cruzador que saía sem medo dos ataques a sulcar mares revoltos e até alli quasi desconhecidos. Elle ia combater contra preconceitos enraizados, que para a maioria são o sangue da sua carne; ia atacar a constituição criminosa d'uma sociedade, que erradamente se julgava apoiada na escravatura, opinião que se desfez como um sonho mau; ia proteger muita causa até então dasamparada; dar voz a muita opinião, que por desprotegida de meios não podia ter-se feito ouvir; e tudo isto de peito descoberto, affrontando todos os perigos, assumindo todas as responsabilidades, todas, inclusive as que podem levar ao encontro d'uma balla!

Nunca foi possivel aos mais intimos do Dr. Ferreira d'Araujo conhecerem, embora diariamente verificassem o facto, porque meos elle conseguia dosar a prudencia e o bom senso com as mais extraordinarias qualidades affectivas; como sendo frio nas contendas, d'uma logica implacavel nas discussões contradictorias, encontrava thesours de generosidade no seu coração, meiguice d'uma vibração rapida e profunda por tudo quanto lhe apparecesse fraco, desprotegido, pequeno, digno de compaixão.

Irreconciliavel com os exclusivismos das escolas litterarias, abria francamente as columnas da *Gazeta* aos paladinos de cada uma d'ellas, mostrando na hospedagem quanto estava acima das seitas, para só admirar o talento dos sectarios; aos quaes, indistinctamente, nunca recusou o applauso ou a sua admiração.

Escrevia correntemente, sem grandes atavios de forma, como quem tem mais ideas a dar curso, do que phrases a fazer admirar. Tinha facilidade no verso que lhe saia naturalmente simples, elegante e sempre gracioso.

Abandonando a clinica pelo jornalismo, e portanto vivendo d'elle, nunca viveu por elle, conservando a sua *Gazeta* sempre illudida da mais leve suspeita menos correcta.

Collaborando numa traducção theatral, na qual lhe coube a parte destinada a ser cantada, ficou admirado quando o seu collaborador lhe levou metade dos direitos d'auctor.

— Parece-me que, para o trabalho que foi, objectou elle, receber tanto dinheiro se aproxima muito d'uma ladrocinha!

E só depois d'uma longa controvérsia se resolveu a aceitar a parte que tinha ganhado melhormente de que o outro.

Esse seu collaborador, voltando a Lisboa, trouxe uma das melhores traducções d'elle, d'uma das mais famosas comédias francezas da epocha, e offereceu-a a um dos nossos theatros que exploravam o genero. Lá parece que a leram, franziram a testa e recusaram-a. Não convinha, diziam os censores. Um mez depois estava em scena no mesmo theatro, mas traduzida por outro! Foi pena, porque alem do publico ter perdido uma traducção d'um sabor requintado, os direitos d'auctor eram offerecidos á mão d'um infeliz portuguez a quem a febre amarella arrebata a vida, antes que elle tivesse podido enviar-lhe o mais pequeno auxilio, visto que a doença e a miséria logo se apoderaram d'elle!

Patriota como poucos, anhelando para a sua terra as felicidades, glorias e progressos de que é digna, animando-a e fortalecendo-a nas occasiões de desalento, foi um evolucionista e nunca um demolidor; por vezes um critico severo, mas nunca um accusador decarado e deprimente.

D'uma serenidade de animo admiravel, registou, durante os dois longos ultimos annos da sua vida o passo andado, o avanço feito dia a dia pela doença que sentia em si, pela morte que lenta, mas irremediavelmente o ia empolgando; e até á ultima conservou em exercicio a penna facil, alegre, jovial e critica dos tempos da saude. E só quando a morte arrebata a vida, por um d'esses seus golpes bruscos, alguém cheio de vida e mocidade, elle se lamentava com estas simples palavras:

— Morreu aquelle cheio de vida e eu estou aqui com a conta feita...

Do seu coração falem a consternação de todos que o conheceram; e tambem as lagrimas d'elle.

Houve um amigo, para quem elle foi sempre uma grande luz que se apagou, que d'elle escreveu, como eu, a pedido, algumas linhas a seu respeito, e n'ellas se referia a seu pae. Annos depois encontraram-se e no abraço forte, intimo, effusivo, o que tragara as toncas linhas, sentiu que havia lagrimas no beijo que o saudara.

— O que é isso? O caso não é para tanto!

— É que ainda te não tinha agradecido o que dissesse de meu pae!

Pago d'Arcos, 24 d'agosto.

LINO D'ASSUMPÇÃO.



As quatro visões

Passei n'um claustro gothico em ruínas
por um luar de lividos clarões
e vi surgir dos funebres caixões
as pallidas professas peregrinas.

Eram tristes suas vozes femininas,
mas o bater violento, as pulsações
do coração mirrado, em convulsões,
semelhava o aluir tragico das minas:

Vinham todas de branco, desgrehadas,
desfolhando mil goivos, e chorosas,
se sentaram nas pedras derrubadas,

dizendo mil palavras lamentosas
e apontando as estrellas espalhadas,
assim fallaram, simples, e saudosas:

PRIMEIRA VISÃO

Jesus, Jesus, em vão por ti clamámos
nas noites da paixão, na cella dura.
Quando escarrámos sangue, na amargura,
e quando nossos peitos te entregámos!...

Na lingua dos amores te fallámos,
do catre sem lençãos, com alma pura,
dizendo te palavras de ternura
quando teu peito lindo desejámos!...

Mas tu, pelos carreiros das estrellas,
olhando os sóes da Torre de Marfim,
quizeste que na sombra vã, das cellas,

em vão, nós nos finássemos, assim,
saudosas do bom sol, das tardes bellas,
e eu blasphemel, Jesus! — Christo, ai de mim!...

SEGUNDA VISÃO

Eis aqui minha trança despresada,
trança que me cortou a prioriza
ao som cruel, profundo, de uma reza
n'um dia de sol, chorando, resignada!

Na cella verti prantos, mutilada,
ouvindo soluçar a natureza,
na lyra dos amores, a tristeza,
por me vêr a teus pés sacrificada!...

Oh! como passei noites de tormenta,
olhando os astros longe, nos espaços,
até que chegou a morte famelenta!

Como suspirei, presa nos teus braços,
O Christo puro, ó victima sangrenta,
que nossas almas prendes nos teus laços!...

TERCEIRA VISÃO

Não volta mais o Christo do noivado
que eu celebrei, temente, na capella.
Por Elle me morri, fiquei donzella,
pelo doce rabbi crucificado.

Enterrei sob lyrios meu trançado,
e á Ventura fechei minha janella,
ouvindo, attenta, os uivos da cadella,
que não me consta tenha professado.

Mas que fará minha alma trespassada,
buscando na penumbra vãos confortos,
depois de ser em pranto amortalhada,

senão correr da luz os largos portos
em busca de ti, gloria consagrada?...
em busca de vós, sonhos idos, mortos?...

ULTIMA VISÃO

Irmãos! ó meigas pombas desditosas,
que assim choraeis os prantos compungiveis
das noites do sepulchro innaccesciveis,
do amor ás ternas queixas lamentosas.

Vamos dormir! dormir, ó languorosas
visões irmãs, nas trevas impassiveis
das sepulturas negras, insensiveis,
ás nossas queixas tardas, luctuosas!...

Ah, deixemos o Christo solitario,
por quem temem a triste sexta feira
desde a noite funesta do Calvario!

E digamos ao ceu, com sobranceira
voz, ao Christo, passivo mandatario:
— Maldita seja a flor de laranjeira!...

DIAS D'OLIVEIRA

CINTRA



« tempos, que já vão longe, um passeio a Cintra dependia de um plano organizado com antecedência; constituía uma grande festa que, de véspera, se começava a saborear com todos os requintes próprios de um verdadeiro gozo de deuses.

Alugava-se, para esse fim, um *char-à-bancs* da companhia e logo, ao romper d'alva, era um chilrear enorme de alegrias e de mocidade, festejando, como um hymno triumphal, a hora da partida.

Atravessava-se a cidade que dormitava ainda, encontravam-se, quando muito, alguns ranchos madrugadores que se dirigiam para o mercado, e já íamos por esses campos fôra, quando o sol apparecia, para nos saudar, do alto de alguma colina verdejante.

Parava-se, n'um ou outro ponto, para descansar os cavalos, ao mesmo tempo que, ao balcão de alguma taberna, submettiamos o estomago á tortura de um pedaço de mau queijo ou de uma taça de duvidoso café, e continuávamos, em seguida, a nossa jornada, alegrando a vista por pittorescos bocados de paysagem, lavando os pulmões com o bom ar que vinha cortando os pomares em flor, rindo e cantando, enfim, a vida sem desanimos, sem exigencias, o espirito bem disposto, o coração bem feliz.

Ao chegar á Charneca os nossos olhares eram atraídos pela *silhouette* da Pena, destacando-se no azul purissimo de uma manhã de amores, e, ao entrar no Ramalhão, ao passarmos sob aquella formosissima aboboda de verdura, onde os bandos de aves cantadoras nos davam as boas vindas, parecia que a alma dos novos se engrinaldava de flores e que os velhos reviviam toda a sua vida de outr'ora.

Como tudo isto era bello, e, não sabemos porque, que de saudades nos faz recordar esses bons tempos. . . É que os annos vão passando, e não voltam, não . . .

Com que appetite assaltávamos, então, um almoço encomendado, e tudo nos dava ao paladar a illusão de finas iguarias servidas em baixelas de ouro em bocetas perfumadas. Riamos e beijavamos as cachopitas que nos serviam, enfeitavamos os chapéus

lhadas voavam a quebrar o silencio do valle, que parecia embebecido n'uma ternura de namorado.

De vez em quando um canto de guitarra, gemendo de saudades, debaixo de algum castanheiro; um madrigal atrado a uns lindos olhos que nos miravam no caminho; e tudo nos sorria, e tudo nos encantava n'aquelle panorama tão extraordinario de colorido e de luz.

Dizia-se que estava muita gente em Cintra, mas ninguém se encontrava. Sentiamos como que a illusão de sermos os unicos senhores d'aquelle pedacinho de mundo.

E á noite, ao regressarmos, trazíamos entre um pacote de queijadas e um ramo de camelias, a recordação e a alegria de um dia bem vivido.



A chegada do Rapido — A' espera do comboio

Hoje a vida é outra, mas Cintra é sempre uma cousa bella porque a natureza não tem envelhecido como nós outros.

E' certo que o caminho de ferro lhe arrancou um pouco da sua poesia, a poesia que lhe dava o seu isolamento, a tranquillidade das suas alamedas, onde os amantes felizes podiam ir passear os seus amores, sem receio de serem surpreendidos nos seus duetos de beljos; mas, em compensação, deu-nos a vantagem de estarmos mais em contacto com ella, de mais facilmente a podermos visitar, de lhe podermos ir gozar todos os seus encantos e surpresas.

As toutinegras andam tristes e queixosas, porque os silvos das locomotivas não as deixam socegar; mas quantos abençoam o progresso que lhes dá a facilidade de tão depressa estarem no castello de S. Jorge como no castello dos Mouros, de fazerem um *five o'clock tea* no *rendez-vous des gourmets* e irem jantar a Cintra sem fadigas, nem incommodos.

Não se compára o movimento de agora com o de outros tempos; cousa extraordinaria, porem, a villa, em si, conserva o seu teitio de ha vinte annos, todas as suas ingenuidades de donzella de



A chegada do Rapido — O comboio a sahir do tunnel em Cintra

com frescas laçadas de hera, exgotávamos, como precioso nectar, as amphoras de Collares, que o progresso ainda não falsificára, e, no desempenho do nosso papel de *touristes*, partíamos a cumprir a praxe estabelecida de uma festiva burricada.

A burricada era um numero obrigatorio do programma.

— Eh! gritava um, a caminho dos Pisões, a Seteas, á Pena!

E os pobres dos jericos, de orelha arrebitada, trotavam receiosos do junco ou das espóras, com que algum se armava em cavalleiro á saída de Lisboa. Aqui um se estendia galgando a cabeça do animal, ali outro se mantinha em difficeis equilibrios, e as garga-



A chegada do Rapido — A saída da estação



A chegada do Rapido — A partida das carruagens

fóra de portas, alheia aos figurinos caprichosos trazidos de alem dos Tyrienes.

Que vontade enorme de mandar arrazar todos aquelles casebres, romper aquelles arruamentos, construir lindas galerias, onde encontrassemos esse mundo infinito dos mil pequeninos nada da vida, erguer hoteis elegantes e confortaveis, estabelecer uma *Kursaal*, que, se não fosse ponto de reunião para a sociedade que ali tem as suas villas e *châlets*, serviria, entretanto, para aquelles que nem sequer sabem que existe isso a que se chama a grande roda, — e o mundo não é d'ella apenas —, serviria, sobretudo, para o estrangeiro, esse estrangeiro que andam todos a querer que venha ver as nossas bellezas, e que, forçosamente, se hade aborrecer horrosamente á noite em Cintra, se não tiver quem o empareceire n'uma partida de *bridge* ou de *bluff*.



A' sahida da missa — A tropa



A' sahida da missa — O povo



O carrão para a villa

Porque as noites de Cintra são tristes, tristes, dão vontade á alma de chorar.

Um dos pontos que não escapa ao visitante é o terraço do palacio Loulé, nos Seteas, por detraz do arco.



O passeio na Estephania

Que grandioso panorama de leguas e leguas que se vae desdobrando até ao mar, planície enorme de verdura, que as casarias brancas dos diversos logarejos cortam de quando em quando! A vista perde-se por aquella immensidade, banhada de luz e de perfumes, e o socego da paisagem é tão cheio da melancolia e de tristeza, que nós, insensivelmente, fallamos de mansinho como que temendo interromper uma sentida prece da natureza erguida para Deus.

Parece um grande altar florido para a celebração dos esponsaes do amor.

E, todavia, como é vergonhoso e infecto aquelle terraço, de onde se disfructa tão grandioso quadro, e que em vez de offerecer ao



A' sahida da missa — O high-life



A estrada para a Pena

passeante um conforto de appetites, espalha prodigamente pequeninas recordações da palavra que Cambronne e a Dame de chez Maxim's ousaram dizer em público.

... Tudo isso é pittoresco, dir-se-ha. Pois lhes faça bom proveito.

E ao lado d'estes desleixos do trabalho do homem, a natureza cada vez mais se alinda como uma noiva *coquette*, cada vez mais capricha em manter á delicia Cintra os pergaminhos de formosura ganhos de ha muitos seculos.

Quem fór ao Castello dos Mouros, á Pena, á Cruz alta e alargar o olhar por todo aquelle deslumbramento que o circunda, tem dado á vida o mais sublime gozo, o mais maravilhoso espectáculo.

Por isso os comboios, a cada momento, conduzem bandos e bandos, que ali vão buscar alegrias para o coração, distrahir o cerebro, da monotonia da capital n'estes mezes de estio.

E é ver, á hora do *rapido*, á porta da gare, as equipagens fidalgas, que ali estacionam á espera dos que voltam da cidade, onde passaram o dia nas fainas dos seus escriptorios; e mal desembarcam, com as suas malinhas recheadas

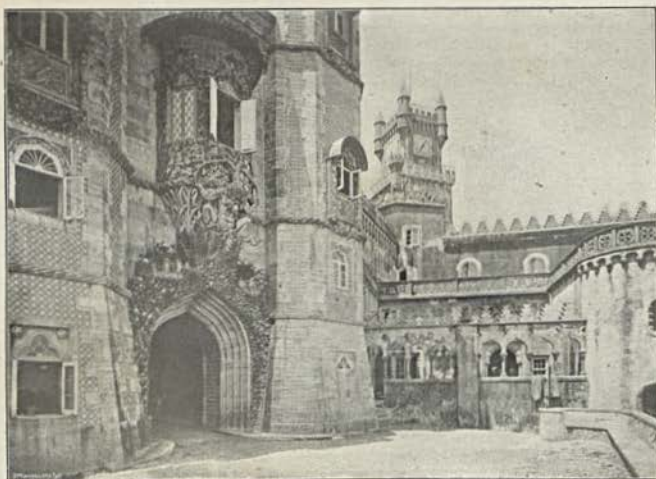
de encomendas e de gulodices, lá vão todos em debandada, como que a acordarem o espirito em longas horas de fadiga e de trabalho.

Depois, eis que recolhem ás suas vivendas; a noite vem, reúnem-se alguns em partidas de cartas e o silencio restabelece-se na villa, ouvindo-se apenas, de quando em quando, o bater de alguma carambola em bilhar avariado ou alguma valsa do Fabião dedilhada no piano por menina sentimental.

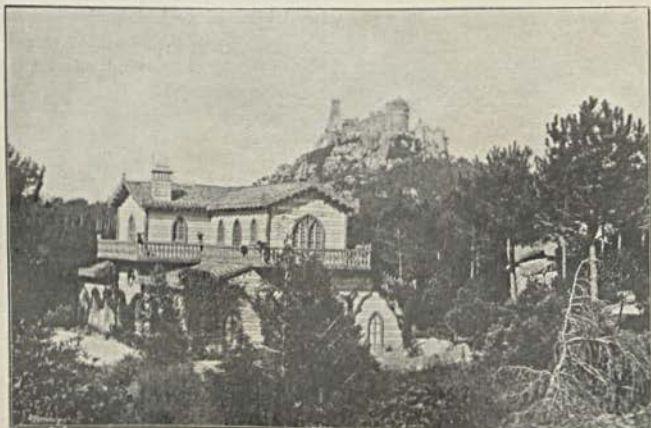
Em dias de noveiro não é menos interessante e commovedor o



Caminho da villa



A entrada do Castello Real da Pena

O chalet da sr.^a Condessa d'Edla

espectaculo que Cintra nos offerece. Todo aquelle grandioso scenario desaparece em densas brumas, e vamos subindo a serra, subindo, subindo, até que nos pincares da Pena erguemos os olhos e descobrimos o mais formoso docel de um azul sem mancha, ao mesmo tempo que, a nossos pés, as nuvens se revolvem em dois turbilhões.

Mas esses dias são tristes, porque os valles perdem a sua côr verde, as aves aconchegam-se, assustadas, nos seus ninhos, tudo é negro, negro como o lucto, negro como a morte.

C. DE MOURA CABRAL.



De Cintra para Colares

CINTRA

A feira de agosto



A entrada

IMAGINE quem me lê e já viu Cintra — e lhe conhece fôra das estradas, a vegetação pujante e secular — a clareira d'uma velha quinta.

E' um ceu intrincado de folhagem, embaraçada teia de ramaria, coando um sol desalentado, luminoso a espaços e a espaços embacizado do halito do mar.

São troncos de velha casca musgosa — cortiças esbeçadas, rytidomas fendidos por onde a era trepa e o feto cresce.

E' um apasiguamento onde se banha o pensar, uma temperatura de sonho onde se delicia o corpo.

Supponham agora n'essa clareira d'essa velha quinta, grinaldas d'ortenses enleadas á teia de ramagem, colchas de matiz de côres brandas colgando dos troncos dos ulmeiros, tudo excepcionalmente bem afinado de côr, e fazendo retalhos de parede ao ceu de verdes, mas de parede rica que nenhuma paleta seria capaz de copiar.



Grupos conversando

em satyro de pedra. Ora quasi que foi isto a Feira d'Agosto produzida na quinta da Sabuga, na quinta do Saldanha, em Cintra, com o pretexto de socorrer doentes pobres.

Quasi... áparte o anachronismo das figuritas recôcs. Que a bem dizer o mesmo encanto emana de certos trages d'hoje, com manchas e feitiços antigos e sua maneira voluptuosa de valorisar as linhas bem traçadas de graciosos bustos e das ancas fornidas.

Foi pois quasi isto, e foi uma magica.

Delicia d'olhos e embriaguez de cerebro. Se ha jacobinos esthetas — para quem o rubro não seja a unica côr enlevadora, jacobinos enfim admitindo o verde e suas variantes mesmo fôra dos triclínios das casas de pasto — eu queria ve-los alli, n'uma conversão indubitavel, amansarem os olhos esbugalhados, contrahirem o *musculus osculatorius* dos seus temerosos



Aspecto geral da feira — A Rainha

labios e curvarem as espinhas orgulhosas para acceitarem com guloseima e ternura... queijadinhos da Mithilde que mãos patricias lhes servissem... a cinco tostões o par!

Em tal recinto... queiram suppôr que uma fada surgiu e o movimento de figuritas do seculo passou...

E o feliz que conseguir absorver-se em tal visão de certo se transmutará n'um estarecido... se não der consigo

A pequena feira constava de pseudo-barracas, lindas d'aspecto, sobrias d'ornamentação, e aproveitando o emaranhado do arvoredo.

Um *pim-pam-pum*, uma roda da fortuna... com muitas escovinhas com cabo de prata p'ró bigode, que a referida fortuna fazia sahír a muitas senhoras... por troça já se sabe, não porque n'ellas haja sequer a sombra portuguezissima dos taes *poils longs et roides* cujo conjuncto constitue segundo os mais abalisados anatomicos um appendice masculino vulgarmente denominado o *bigode*.

No restaurante «*Au sorbet de la Reyne*,» finas mãos d'anneis serviam bolos tambem finos.

Como nas feiras, sua carroça com fructas, a junta de bois desatrelada — esperava o consumidor que pagasse uvas... a ouro o cacho!

A entrada dos reis de Portugal constituiu por fim a grande



Outro aspecto



Au serbet de la Reine

nota. Familiarmente, El-Rei, Rainha e Príncipes foram comprando sortes e uvas.

Para maior confusão dos esthetas jacobinos que eu queria ver alli domesticados — a dez tostões por cabeça — o principe real desabalou a atirar bolas de trapo aos monos do *pini pami-pum*. Morreram todos! Alguns mesmo com as tripas... digo com os trapos de fóra.

E ao cair da tarde como um rancho de creanças tivesse chamado á festa coisa sua, na delicia d'um começo de crepusculo, entrou a dançar com muita gravidade... e o irremediavel gralhar de passarinhos.

Que até um jornal apontou depois que também o Snr. Infante tinha dançado... com enthusiasmo... uma *Sá Rugel*! Para que saibam.

Centro, 29 agosto.

A. F.



O carro do cão

Os nevoeiros

I
Começam a'uns vapores, que distantes
Fazem lembrar no azul,
Os bafoes de phantasticos g gantes,
Soprando para o sul.
Vem correndo os novelllos mensageiros
Da breve cerração,
E rargam se em farrapos nos pinheiros
Na furiosa invasão.
E azul sobre azul, claro sobre intenso,
Alastra-se no céu
Nuvem que subia, fumo d'incenso,
Um véu sobre outro véu,
A nuvem fende os flancos, vae subindo
Como um conquistador;
Ao longe escuta-se no mar indido
Uma canção de dor.
Vae caminhando sempre, e nas gargantas
Dos montes colossaes
Desdobram se em ondas leves mantas
D'arminhos glaciaes.

II
E sobre o extenso campo o nevoeiro
A crescer, a ondular,
Parece visto da montanha inteiro
De velha prata um mar.
Val trepando subtil e, por seu turno,
E em triste carnaval,
A montanha reveste de soturno
Fantasma coloral!
Um pouco mais e, como envergonhado,
Até o proprio sol
Escenderá o rosto de finado
No pallido lençol.

III
E eu sinto que me afflige e que me enerva
Um dia assim sem luz;
Mas nem sei decorever a dor proerva
Que em minh'alma produz;
Uma tristeza atroz, que nada acalma
Eu sinto dentro em mim.
E' porque também sobre na minh'alma
Um nevoeiro assim.

Joko da CAMARA.



O Pini-Pam-Pum



GUILHERME FERNANDES

Commandante dos Homens de Porto premiados no concurso de Paris

BRASIL-PORTUGAL

Composição e Impressão
 Texto e capa: Companhia Nacional Editora
 Largo do Conde Barão, 30
 Páginas suplementares: Off. Estevão Nunes & F.^{as}
 Rua d'Assumpção, 18 e 20
 Tipomac: Typographia Cantanhedo
 Colçada de S. Francisco, 13

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores
 Augusto de Castilho, Jayme Victor, Lúcio Tavares
 Editor
 L.ª Antonio Sanchez
 Redacção e administração—Rua Ivens, 33
 LISBOA
 Endereço telegraphico—BRATUAL.

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL	PORTUGAL	ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO
Anno (moeda brasileira) 4\$3000	Anno 8\$000	Anno 8\$000
Numero avulso 7500	6 meses 35\$00	6 meses 45\$00
	3 meses 15\$00	Numero avulso 5\$00
	Numero avulso 5\$00	

SUMMARY

Eça de Queiroz.
 Chronica electrica.—Brasil-Portugal.
 A capital—Eça de Queiroz.
 A casa de Eça de Queiroz em Rouilly.
 Um trecho das *Cartas*—Eça de Queiroz.
 Carta de Eça de Queiroz a um dos directores d'esta
 Revista, quando lhe pediu a collaboração para o
Brasil-Portugal.
 Notas da quinzena—João Costa.
 Os vendedores da vida.
 A Garcia de Notícias e o Dr. Ferreira do Araujo.—Lino
 d'Assumpção.
 As quatro visões.—Dias d'Oliveira.
 Clitandre.—de Moura Cabral.
 A feira do agosto.—A. F.
 Os noveiros.—João da Camara.
 Guilherme Fernandes.

Páginas suplementares

Almanach do «Brasil-Portugal» para 1901.
 Sciencia facil.
 Uma historia de todos os dias.—(Conto mudo).
 Carlos da Queiroz.

40 ILUSTRAÇÕES

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem 14 os seguintes representantes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO—(Agencia Central dos Estados do Sul. Coronel Theodilo Pupo de Moraes e José Martins Pello, Rua da Alameda, 4, sobrado).
 FERNANDEZ—A. Leopoldo da Silveira.
 PARRA—J. H. dos Santos e C.^{as} (Livraria Classica).
 Rua João Alfredo, 30.
 MARANHÃO—Leandro Aguiar & C.^{as}
 MARANHAO—Leoncio J. de Medeiros & C.^{as}
 CEARÁ—Salles Torres & C.^{as}
 BAHIA—José Louisa da Fonseca Magalhães (Livraria Magalhães)—Rua Oliveira do Palacio, 28.
 PELOTAS—Carlos Pinto & C.^{as} (Livraria Americana).
 PORTO ALEGRE—Carlos Pinto & C.^{as} (Livraria Americana).
 RIO GRANDE DO SUL—Carlos Pinto & C.^{as} (Livraria Americana).
 Rua Marchetti, 100.

Em Africa

BOLAMA (Guiné)—Cesar A. Gouveia da Silva, Homem.
 Tesoureiro geral do «Provincie».
 MOSSAMEDES—José Maria Pereira, escrivão e tabelião.
 QUEZIMANE—Henrique Lima.
 BENGUELLA (Egypcio)—Matheus & Tavares.

No Continente

PORTO—(Agente geral no Porto e no norte). Antonio Couto Fernandes, Rua do Almada, 15, 1.^o
 EVORA—(Agente geral no Evora e no Sul). Luis Faria Correia, director da Succursão dos tabacos.
 BENAVENTE—J. N. S. Carvalho.
 PORTO DE LIMA—Gomes Amaral & Com.^{as}
 COIMBRA—João Ribeiro Arrobas, Aree do 1.º, 2.º.

ALMANACH DO «BRASIL-PORTUGAL»

Para 1901

Até 31 de outubro recebem-se annuncios para este almanach que será um primor artistico. Todas as informações se dão na administração do jornal—R. Ivens 52, em Lisboa—e nas agencias da provincia e de todo o Brasil.

SCIENCIA FACIL

Um bico de gaz n'um cachimbo

E' facil de fazer esta experiencia; basta para ella um cachimbo de barro, uma pouca de argilla e um bico de Bunzen. A materia prima será um fragmento de carvão de pedra.

No reservatorio ou fornallha do cachimbo (a) introduz-se o fragmento de carvão de pedra. Tapa-se em seguida a fornallha do cachimbo e aquece-se ao calor do bico de Bunzen (b); é este bico disposto de modo a produzir muito calor e recebe o gaz que vem por um tubo de borracha (c). Ao fim de pouco tempo o gaz produzido sairá pelo tubo do cachimbo e poderá accender-se; ao mesmo tempo o alcatrão produzido condensar-se-ha e sahirá em gotas (c.c.) do orificio do tubo. Se se não quizer queimar este gaz logo, pode-se guardar n'uma bexiga e conservá-lo algum tempo. Tambem se pode purificar fazendo-o passar através d'agua.



Em todo o caso apesar de toda a vigilância a que estava submetido conseguiu encontrar o meio de se corresponder com os que estavam encarregados de proporcionar uma evasão; é simples o meio de que elle se servia e passamos a descrevel-o.

Lava-se muito bem um ovo n'uma solução alcalina (carbonato de soda ou potassa em agua) e deixa-se seccar. Em seguida por meio de um pincel imbevido de uma qualquer materia corante em solução alcoolica pinta-se as *avênas*, os signaes ou caracteres que se querem reproduzir no interior do ovo. O liquido atravessa a pouco e pouco os poros da casca, penetrando assim no ovo. A tinta pode ser ou escura ou qualquer anilina.

Ao fim de alguns minutos a tinta passa para o interior do ovo. Lava-se então o ovo e mergulha-se em seguida varias vezes em agua pura addicionada de acido chlorhydrico ou azotico. Quando todos os vestigios desaparecerem está o ovo prompto. Quebrando-se, veem-se no interior do ovo desenhados os signaes que se tinha escripto na casca.

ORAVAL.

UMA HISTORIA DE TODOS OS DIAS

(CONTO MUDO)



Escrever no interior d'um ovo

Quando o physico Raymond Lulle foi aprisionado pelos piratas argelinos foi de tal modo viado que não podia por meios ordinarios communicar com os seus amigos.

Proveem os preciosos vinhos
 de Luciano Ramos Pinto

O CARTAZ DA QUINZENA

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

TAUROMACHIA



Trindade.—Foi o primeiro a abrir, e abriu com a *Volta à roda do mundo*, peça de grande espectáculo, phantastica e comica, d'essa rica phantasia de Julio Verne e d'esse comico impagavel que os artistas portuguezes costumam imprimir as suas personagens, quando elles se chamam José Ricardo, Augusto, Queiroz e tantos outros. Essa peça continuará em scena toda esta quinzena, e se mais tarde vir a vender-se outra *reprie*, a do *Moleiro de Alcalá*, para debute da actriz Delina Victor.

A empresa exploradora da praça do Campo Pequeno, e cremos que tambem a proprietaria, concederam caridosamente aquella casa de espectaculos para uma tourada, que se effectuou, em 19 ultimo, com rezes do sr. Antonio José da Silva, que tem as suas manadas de gado bravo em Salvaterra de Magos.

Houve n'aquelle dia diversos festejos e corrida na praça d'Algés com um matador de touros authenticos, o que determinou escassa concorrência ao illustre edificio do Campo, que, segundo nos conta, realizou uma receita de 70000 réis, mas tendo o promotor feito uma despesa de 80000 réis, apesar de ter o concurso gratuito dos artistas, resulta que houve um prejuizo de 100000 réis ou mais.

Os touros e os bezerros do sr. Antonio José da Silva deram em conjunto uma lide regular.

Os artistas trabalharam o melhor que puderam, tanto os de pé como os montados. Como *espada* apresentou-se mais uma vez o novilheiro *Chicotele*, que n'um dos seus touros a sós, que era puro mas difficilissimo, apontou quatro pares de *maestro*; com o *capote* esteve diligente e com a *moleta* foi prejudicado pelo vento.

Em Algés succedeu justamente o contrario, porque o matador de touros com alternativa, que aquella empresa contractou, esteve primoroso no *trasteo* de *moleta*, muito bem com o *capote* e nullo a *bandarilha*.

Não admira isto, porque o matador não tem obrigação de ser *bandarilheiro*.

Da restante gente a pe mostraram o que sabem fazer com as *bandarilhas* Jorge Cadete e Raphael Poixinho, competindo as honras do toureiro a cavallo a Joaquim Alves.

Simões Serra não desagradou e os forçados cumpriram.

A gente nas bancadas é que não era muita.

E. N. A.

Desbarreuxs saboreava em sexta feira santa uma *omolette de presunto*: n'istoouve-se um trovão. Desbarreuxs abre a janella e deita a *omolette* fora murmurando:—Tanto barulho para uma *omolette*!

—Que imprudencia! ir dizer a minha moçada aquelle sujeito!

—Então, é teu credor?

—Não, mas pôde vir a sê-lo.



ANTONIO DO COUTO

ALFAIATE

Recebe e satisfaz encomendas para o Brasil e Africa e Provincias do Continente

Sempre as ultimas novidades

RUA DO ALECRIM, 111, A.

LISBOA

Este magnifico hotel, situado no melhor logar das Caldas do Gerez, e construido de proposito o fim a que se dedica, possui além das magnificas commodidades e bom serviço, um excellenteparque com jardim, bosques com arvoredas boas sombras cascatas, nascentes de finissima e deliciosa agua potavel, grande salão recreativo, offerecendo assim aos seus hospedes uma distracção como não tem nenhum outro hotel no paiz.

Qualquer correspondencia pôde ser dirigida á sua proprietaria e directora.

NO GEREZ

Maria N. M. Salgado

EM LISBOA

Casa dos Oito Globos

RUA AUGUSTA, 286



JOSE SILVA & C.^A

Casa fundada em 1879

PREMIADA EM TODAS
AS EXPOSIÇÕES



CASA FILIAL

Rua Florencio d'Almeida, 34

S. PAULO

Casa matriz e fabrica

RUA DA QUITANDA, 123 A

R. de S. Pedro

31, 32 e 42

RIO DE JANEIRO

Casa matriz—RIO

Unico estabelecimento
no Rio de Janeiro com officinas
para fabrico
de arreios de qualquer qualidade

COUROS, ARREIOS E ARTIGOS
PARA VIAGEM

Importação de couros,
e de todos
os artigos para selleiros,
correeiros, segeiros
e sapateiros



Casa filial—S. PAULO

GARANTIA DA AMAZONIA

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

Estado financeiro em 1 de Janeiro de 1900

Propostas recebidas para seguro até esta data ... 70.263.000\$000

Seguros realizados em vigor	50.297.000\$000	Reserva de re-seguro	2.601.263\$577
Novos seguros propostos em 1899	24.451.000\$000	Sobras-Garantia suplementar	491.282\$804
Seguros aceites em 1899	20.895.000\$000	Valor actual sobre o valor nominal de titulos e predios que possui	200.000\$000
Propostas para seguros recusadas em 1899	3.556.000\$000	Sinistros pagos até esta data	1.028.000\$000
Renda em 1899	3.428.548\$128		

CONCLUINDO O SEU PARECER, DISSE O CONSELHO FISCAL:

“Estes algarismos que definem perfeitamente os factos que acabamos de frisar, fallam talvez mais alto e mais eloquentemente em abono da correcção, zelo e criterio com que a sociedade foi administrada do que qualquer outro encmio que aqui registrassemos.



E, referindo-se ao pagamento de sinistros, o Presidente chamou a attenção para o facto de que:

“Nenhuma reclamação dividamente feita estava por satisfazer na data em que se fechou o balanço”.

Sociedade de Seguros Mutuos Sobre a Vida

✧ GARANTIA DA AMAZONIA ✧

Faz mais negocio, tem mais seguros em vigor, tem os seus capitães mais bem empregados, possui maiores reservas e realisa maiores sobras annualmente do que qualquer companhia do mesmo genero.

Séde social

BELEM DO PARÁ-BRAZIL

COMPAGNIE
des Messageries Maritimes
Paquetbote pour l'étranger
LIGNE TRANSATLANTICA



Para Dakar, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos Ayres.

Para passageiros de 3.^a classe trocam com José Antonio dos Santos & C.^a A. Preço Os Escalares.

Para cargas, passageiros e todas as informações, trata-se na agência da Companhia, Rua Alegre, 31.

Pela Companhia: des Messageries Maritimes

Rio de Janeiro.

VINHOS DO PORTO
Marca registrada
Santos J.^{os}
Porto

1872

Premiada com os primeiros prêmios em todas as exposições.

A. Pinto Santos Junior & Comp.^a

LIBRARIA ADEBON PEREIRA & SILVA
PARA — A Casa — João Alfredo, 33

Estimada amosa

Sortimento completo de livros de literatura, direito, instrução, etc.

PREFERENCIA DE ENCANTADOR

Preços sem comparação

Endereço telegraphico Moderna.

MANOEL CANICEIRO DA COSTA
CARPINTERIA E SERRARIA A VAPOUR
O mais antigo estabelecimento do norte do Brasil

Real fundado em 1870

Promptidão, rapidez e modicidade de preços

De materiais para construção civil e naval

Grande Deposito

RUA DA INDUSTRIA, 124 — PARA



Estabelecimento de Caniceiro

Ao Bazar da Industria
TAVEIRA BARBOZA & C.^a

CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO, 42 — Caixa Postal n.º 487 — BRASIL — PARA

Completo sortimento de artigos para escritorio, papelarias, livros em branco, chapas, harmonicas, cordas para violão, cantelões, caixas de musica, botões, fivelas, perfumarias, brinquedos. Camas de viagem, bilhetes, artigos para presentes.

GRAND RAYON DE MODEZAS

O systema de vender tudo com pouco lucro é abolido no Bazar da Industria.

Vendas por atacado e a retalho

JOÃO BASTOS & C.^a
COMMISSOES E CONSIGNACOES
LISBOA — Rua da Prata, 14, 1.^a

PROVAE OS DELICIOSOS VINHOS DO PORTO

DE

Constanino Almeida



LA BÉCARRE
F. CARNEIRO & C.^a
PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

Grande sortimento de papeis nacionaes e estrangeiros. Artigos para pintura. Pertences de escritorio. Objectos artisticos para brinde. Trabalhos typographicos em todos os generos.

Rua Nova do Almada, 47 e 49 — LISBOA.

BRASIL-PORTUGAL

Numero commemorativo do 4.^o centenario do Brasil

A rede de distribuição de "Brasil-Portugal"

«RUA IVICHA, 53»

Atelier-Photo-Chimico-Graphico

P. MARINHO & C.^a — Rua de S. Paulo, 216, 2.^a — LISBOA

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos.

Execução perfeita.

Companhia Geral de Credito Predial Portuguez

LISBOA — L. de Santa Antonia da Sé, 19

Empréstimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo — de 4, 4 1/2, 5 e 6 %, de 10 e 60 annos. Empréstimos em conta corrente: a juizo de 5 %, e commissão de 1/2 % de 1 a 9 annos. Depósitos: accepta-se a prazo ou a ordem, vencendo 1 1/2 %, a ordem e 2 1/2 %, ao prazo de 3 mezes; 3 1/2 %, 4 e 4 1/2 % ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a promptidão ao preço. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.

Manteiga Burnay

Aviso aos entendedores e às donas de casas



Para fazer Boa Cozinha

É preciso
boa manteiga pura

USE

A Manteiga Burnay

À venda
em todas as prin-
cipais mercarias
de Lisboa

AGENTE GERAL

JOÃO BASTOS JUNIOR

235, Rua dos Fanqueiros — LISBOA

DEPOSITARIOS EXCLUSIVOS

João Luiz Fernandes & C.ª — R. da Prata, 382 a 383, Lisboa.
Jeronymo Martins & F.ª — R. Garrett, 13 e 15, Lisboa.
José Alfonso Vianna & C.ª — Largo Camões, 33 e 34, Lisboa.
R. D. de Campos — R. da Prata, 187 a 191, Lisboa.
Alves Diniz, Irmãos & C.ª — R. S. Julião, 92 a 106, Lisboa.
Seb. Corrêa Saraiva Lima — R. de S. Paulo, 121 e 123, Lisboa.

VIUVA WENCESLAU GUIMARÃES & C.ª

Commissões e Consignações

IMPORTADORES DE VINHOS

Telegrammas

Wenceslau Rio

Caixa do correio

N.º 272

R. General Camara, 17

RIO DE JANEIRO

SALÕES
E QUARTOS MOBILADOS
PARA FAMILIAS

BANHOS
Quentes e Frios

Este estabelecimento de primeira ordem, situado no centro de todos os passeios e linhas de bondi, recommenda-se pela exactidão do seu serviço, acce, modicidade em preços e cozinha franceza.



HOTEL SUL-AMERICANO

BAHIA-BRASIL

PROPRIETARIO

Antonio J. Alves

Agencia Financial

DE

PORTUGAL

Rua General Camara — RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFÍCIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da dívida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em todas as capitais de districto e sedes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.

A Formosa Paraense



Estabelecimento de modas e modistezas, com

importação

directa dos mercados europeus.

Fundada em 1864

Corrêa Miranda & C.ª

R. Conselheiro João Alfredo, 67

PARÁ

PSYCHOLOGIA DO CHAPEU

«O estilo é o homem! — Dizia Buffon, um Sábio de tomo... Esta prova, hoje em dia, Que era um erro de Buffon!

Um erro! um erro profundo, Digno de eterno labo: Pois sabe hoje todo o mundo Que o homem... é o chapéu!

Acreditem! não respinguem! E a Sciencia que o diz: Pelos chapéus se distinguem Os genios e os imbecis!

Quando se encostura um sujeito, Com um chapéu de forma vii, Amarrado e mal feito, Diz-se logo: «Que imbecil!

Mas quando alguém apparece Traçando no cranio, se sol, Um chapéu que respandece, Que brilha como um pharol,

Um chapéu limpo, correcto, Que attrahe e seduz o olhar, Com o seu encanto secreto, Com a sua forma sem par,

— Admirando o cavalheiro, Diz a gente: «Sim, senhor! Ou é um grande banqueiro, Ou é um grande escriptor!»

Pois bem! queres ter talento, Dominar a terra e o céu Com voo do Pensamento? Queres ter um bom chapéu?

A Sciencia não nos enganar, Tercia um chapéu ideal, Comprando-o na Americana Do Carvalho Portugal!

CHAPELARIA

AMERICANA

133 — RUA DO OUVIDOR — 133

Vinho VENTURA

O vinho VENTURA é expressamente preparado no PORTO

Montenegro Ferreira & C.

Successores da antiga casa

RICARDO JOSÉ DA CRUZ & C.

Fundada em 1820, e que tem a sua sede no

PARÁ, Boulevard da Republica, 44

FILIAL EM MANAOS

TONIFICA, NUTRE E REFRIGERA

Só os vinhedos do Alto Douro produzem a uva abençoada de que se extrai o **Vinho Ventura**, o unico que, com vantagem incontestavel, se applica no tratamento das anemias rebeldes e do lymphatismo, nas convalescencias, nas digestões difficis, enfraquecimentos, etc.

Como tónico, está hoje reconhecida a efficacia do

Vinho VENTURA

CASA AVIADORA

Commissões e Consignações

HOTEL BRAGANÇA

Rua Entreparedes, 61. PORTO

Completamente restaurado e mobilado. Tratamento de primeira ordem, dispondo de 80 quartos independentes, com janellas muito confortaveis e hygienicos.

O Hotel Bragança, pela sua situação na cidade do Porto é o unico que convem aos viajantes com familias.

Pensão diaria 1:000 réis comprehendendo alimentação e vinho

O actual proprietario e gerente J. F. Marreiros convida todos os viajantes a instalar-se no

HOTEL BRAGANÇA

Ende eço telegraphico MAREIRO

Elisir Anti-Epidermico Beirão

Approvado pela Inspectoria de Hygiene

do PARÁ

Preservativo e curativo da febre amarella, cholera, febres intermittentes, bexigas, typho, dysenteria, beribéri e Influenza

Nenhum viajante e todos os que comprehenderem a necessidade da conservação da saúde pelos meios hygienicos, e antisépticos devem internar-se nas florestas ou percorrer as regiões inexploradas em grande parte miasmáticas, sem manir-se de alguns vinhos do **Elisir anti-epidermico Beirão**, é a mais segura garantia da conservação da vida e da saúde: levam consigo a certeza de regressarem milagrosamente salvos ao seio da familia, o que infelizmente não acontece a centenas de imprudentes que não tomam esta acertada e simples medida preventiva. As pessoas adultas que no estado de boa saúde tomarem todas as manhãs e todas as noites uma colher de sopa do **Elisir anti-epidermico Beirão** estão isentas das graves molestias endemicas produzidas pelos fermentos miasmáticos, e particularmente das febres intermittentes, febre amarella, bexigas, cholera asiático, vomito preto, typho dysenteria, pustula maligna, escarlatina, croup, beribéri e influenza.

Indispensavel aos recém-chegados, deposito

DROGARIA BEIRÃO

DE CARVALHO LEITE & C.

103, Rua do Conselheiro João Alfredo, 103 — PARÁ